

LEITURA CULTURAL NA
REPORTAGEM LITERÁRIA DE NICOLAU
(1987-1996)

Scheyla Joanne Horst
Márcio Fernandes
UNICENTRO / CAPES

RESUMO: O jornal cultural *Nicolau* circulou no Brasil entre 1987 e 1996, como um projeto viabilizado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Interessa-nos aqui o gênero textual reportagem inserido no meio de comunicação em sua fase inicial. Como recorte neste estudo, analisamos cinco textos assinados pela jornalista Adélia Maria Lopes que pretendem, entre outros aspectos, revelar aos habitantes da capital paranaense, Curitiba, a cultura produzida nos subúrbios da cidade e também nos municípios longínquos. Nosso objetivo é discutir essas produções entendendo que o Jornalismo Literário promove uma união entre força comunicativa e qualidade estética em relatos de não ficção, o que promove uma leitura cultural mais eficiente. Para a análise documental utilizamos autores como Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas, Rogério Borges, Marcelo Bulhões e Cremilda Medina.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário. Jornalismo Cultural. Imprensa Pública.

CULTURAL READING IN NICOLAU'S (1987-1996)
LITERARY NONFICTION

ABSTRACT: The cultural newspaper *Nicolau* circulated in Brazil between 1987 and 1996 as a project of the government of the state of Paraná. We are concerned here with the genre news report in the initial phase of this medium. In this study, we analyzed texts signed by the journalist Adélia Maria Lopes. Among other things, the text sought to show the capital the culture that was produced in suburbs and also in other cities in the state. Our goal is to prove that these productions have the essence of literary journalism, that is, the harmonious union between communicative strength and aesthetic quality in nonfiction stories, which promotes a more efficient cultural reading. For the analysis, we used authors like Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas, Rogério Borges, Marcelo Bulhões and Cremilda Medina.

KEYWORDS: Literary Journalism. Cultural Journalism. Press.

Scheyla Joanne Horst é mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Márcio Ronaldo Santos Fernandes é professor no Departamento de Comunicação Social e no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

LEITURA CULTURAL NA REPORTAGEM LITERÁRIA DE NICOLAU (1987-1996)

Scheyla Joanne Horst
Márcio Fernandes

INTRODUÇÃO

O *Nicolau* (1987-1996) tem lugar marcado na história da imprensa literária paranaense. Frequentemente citado como um projeto ousado e fundamental para a divulgação da produção artística e cultural do Estado para todo o país, e até para o exterior, o jornal contemplava em suas edições uma diversidade expressiva de conteúdo, como opiniões, polêmicas, entrevistas, contos, poesias, traduções, críticas, relatos, fotografias, artigos, reportagens, cartas, quadrinhos, humor, ilustrações. A publicação mensal era viabilizada pela Secretaria de Estado da Cultura e a equipe, no período que observamos neste trabalho, teve como editor-chefe o escritor Wilson Bueno. Nos bastidores da iniciativa, era perceptível a tentativa de difundir com entusiasmo uma pluralidade de vozes e abrir espaço para experimentações na linguagem em um momento de consolidação da abertura política no Brasil.

O nosso foco neste artigo está direcionado ao gênero textual jornalístico reportagem, que aparecia em algumas edições e geralmente ganhava interessante espaço e condições de produção, como percebemos nos assuntos abordados. A reportagem não apenas anuncia um acontecimento, mas também objetiva realizar um detalhamento dos fatos, situando-os em um determinado espaço, tempo e contexto. De acordo com Marcelo Bulhões, a reportagem “possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões.”¹ Em virtude de pressupor a figura de uma testemunha ocular, que é o repórter que presencia a cena, a reportagem possibilita a existência de marcas de personalidade. Ou seja, viabiliza um estilo e se torna o “ambiente mais inventivo da textualidade informativa”. Por tudo isso, segundo o pesquisador, aventa uma aproximação com produções da prosa de ficção.

¹ BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007, p. 45.

Para Edvaldo Pereira Lima, de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem é a que mais se apropria do fazer literário. “À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem.”² Aqui, nós selecionamos cinco matérias assinadas pela jornalista Adélia Maria Lopes, que foi a profissional que produziu, conforme nosso levantamento, a maior quantidade de reportagens em toda a trajetória do *Nicolau*. Nosso objetivo é verificar, por meio de análise documental, se os textos se aproximam da modalidade conhecida como Jornalismo Literário e de que maneira é desenvolvida a leitura cultural através dessas produções.

De acordo com Felipe Pena, o conceito de JL (sigla para Jornalismo Literário, que será utilizada em outras oportunidades neste artigo) é amplo e pode ser traduzido como a expansão dos critérios estabelecidos e conhecidos, ultrapassando o tom bege das ocorrências diárias e também fugindo do vermelho-sangue das chamadas sensacionalistas comuns no Jornalismo convencional. A finalidade é promover uma cobertura colorida, lançando olhares profundos à realidade e exercendo, de fato, cidadania, se afastando das fórmulas rotulantes e gerando alguma durabilidade e relevância às produções. Ainda conforme Pena, é preponderante que o material não fique na superfície, pois um dos objetivos do jornalista precisa ser uma maior permanência, tal qual ocorre com bons livros de ficção, que, em alguns casos, alcançam o poder de influenciar o imaginário coletivo e individual em distintos contextos sociais. “Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.”³

A MEDIADORA

Nascida no Mato Grosso do Sul, mas moradora de Curitiba desde a juventude, Adélia Maria Lopes possui uma carreira produtiva no Jornalismo paranaense. Da turma de 1972 da Universidade Federal do Paraná, ela se revela por diversos feitos interessantes. Por exemplo: foi a primeira jornalista com diploma profissional a trabalhar em rádio no Paraná. Sua atuação diversificada (rádio, TV, mídia impressa) a levou a setores diversos—Segurança, Política, Cotidiano, Moda e Cultura – em vários meios de

² LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri: Manole, 2009, p. 173.

³ PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 15.

comunicação. Para esta última editoria, a da Cultura, a profissional dedica boa parte dos seus esforços, sendo que no jornal *O Estado do Paraná* foi a responsável pelo caderno cultural Almanaque durante 23 anos.

Trabalhadora multimeios, Adélia concluiu as graduações de Jornalismo e de Ciências Sociais e possui memoráveis trabalhos como jornalista, assessora de Imprensa, radialista, repórter televisiva e editora de caderno cultural. Foi a pioneira em alguns meios até então apenas dominados por homens no Estado, como a reportagem policial e a televisiva. Em uma entrevista publicada em livro, ela defende a necessidade de formação ampla para os jornalistas, contemplando a graduação e quiçá até outro curso que complemente e capacite esses profissionais como agentes de transformação social.

Na década de 1980, Adélia fez parte da equipe que idealizou o *Nicolau*. Ali, ela publicou entrevistas com nomes de destaques da cultura brasileira e reportagens sobre temas inusitados, que partiram de pautas criativas e de um modo de escrever diferenciado, com aspectos advindos do JL, em nosso ponto de vista. Ao resgatar as mulheres por trás do Jornalismo Cultural paranaense, a pesquisadora Selma Suely Teixeira ressalta o reconhecimento de Adélia Maria Lopes, que recebeu alguns prêmios por conta da sua atuação na imprensa do Estado. Destacam-se a menção honrosa do Prêmio Wladimir Herzog enquanto correspondente da revista paulista *Afinal*; os prêmios por conduta ética do Sindicato dos Jornalistas do Paraná e da Faculdade de Jornalismo da UniBrasil e o Prêmio Personalidade, oferecido pela Câmara Italiana.

Em várias produções, a jornalista foi acompanhada do fotógrafo Luiz Stingham, que já era um amigo antigo com trabalhos conjuntos na revista *Panorama*. A dupla focava em “matérias sobre aspectos inusitados e desconhecidos da cultura paranaense, como o da comunidade do município paranaense Aluminosa, e a do Cristo sexuado, criado pelo artista plástico Henrique de Aragão.”⁴ Na reportagem *A era Nicolau* (2014), escrita pelo jornalista Ben-Hur Demeneck para a edição especial do *Cândido*⁵ a respeito do *Nicolau*, o repórter aborda a qualidade editorial da publicação e cita o trabalho de Adélia, feito, segundo ele, com esmero e intensidade:

Depois de viajar 600 km até Aluminosa, à beira do rio Paranapanema, a jornalista Adélia Maria Lopes se convenceu de que ‘Curitiba pouco sabe do Paraná’. Ela expressa essa percepção na segunda edição do *Nicolau*, em texto sobre a localidade

⁴ TEIXEIRA, Selma Suely. *Jornalismo cultural: um resgate*. Curitiba: Gramofone, 2007, p. 99.

⁵ Atual jornal da Biblioteca Pública do Paraná. *Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, Curitiba, n. 34, mai. 2014.

pouco conhecida e o escultor popular José de Freitas Miranda. Com esse mesmo interesse pela descoberta, a repórter escreveria sobre temas como os quilombolas dos Campos Gerais, a comunidade chinesa em Curitiba e as mulheres do Contestado.⁶

Este olhar viajante de Adélia – também compartilhado pelos outros repórteres – aponta para o que Rogério Christofolletti bem discutiu em sua tese: em muitas ocasiões, a prática jornalística (quando não afetada pela apuração a distância) se aproxima do trabalho desenvolvido por antropólogos ou sociólogos. Afinal, os jornalistas são enviados a algum contexto para não apenas observá-lo, mas também entendê-lo e, de certa forma, “traduzi-lo” para quem não esteve lá.

O cientista chega à aldeia isolada, faz contato, estuda hábitos e culturas, e depois retorna com uma sistematização das informações que colheu. O jornalista vai cobrir um fato, interage com os envolvidos no acontecimento, coleta dados, e volta à redação para ordenar seu material.⁷

Em ambas as situações, existe o olhar, a busca por compreender fenômenos e, por que não, uma pitada de aventura. Lembrando que, para Sergio Vilas Boas, “a índole do Jornalismo Literário é exatamente fazer com que conteúdo e forma sejam parceiros de uma mesma aventura.”⁸

A partir de agora, realizaremos a análise de cinco reportagens assinadas por Adélia que foram publicadas no decorrer dos dois primeiros anos da história do *Nicolau*, quando o espaço destinado à área jornalística era maior no jornal de divulgação cultural. Os textos selecionados versam sobre diferentes assuntos e também são estruturados de formas diversas, desde um perfil, que é o texto focado na trajetória de uma pessoa, até uma narrativa de viagem ou uma reportagem que preza pela imersão.

PERFIL HUMANIZADO DE UM ILUSTRE ANÔNIMO

Na reportagem intitulada *Um mundo bizarro longe deste insensato mundo* encontramos humanização e descrição perspicaz, realizadas não apenas com base no que está posto, mas também no que a escritora lê/interpreta da cena e do personagem em questão. De acordo com Vilas Boas, tais características

⁶ DEMENECK, Ben-Hur. A era Nicolau. *Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, Curitiba, n. 34, mai. 2014, p. 20-24.

⁷ CHRISTOFOLETTI, Rogério. *A medida do olhar: objetividade e autoria na reportagem*. Tese (Doutorado) ECA/USP, São Paulo, 2004, p. 19-20.

⁸ VILAS BOAS, Sergio (Org.). *Jornalistas Literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Summus, 2007, p. 10.

elencadas num perfil – texto aprofundado sobre uma pessoa – pode facilitar o autoconhecimento. “Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro.”⁹ Ou seja, ao gerar empatia, a repórter consegue aproximar mundos distantes.

No texto em questão Adélia elabora o perfil de José de Freitas Miranda, um lavrador morador do município de Colorado (a 535 quilômetros de Curitiba) que, após ouvir vozes em sua cabeça, decidiu esculpir centenas de esculturas e criar uma comunidade – chamada Aluminosa – para esperar o fim do mundo. A jornalista busca compreender a maneira como um homem que nunca viu obras de arte conseguiu elaborar peças feitas de cimento e sem qualquer direcionamento. Na descrição a seguir, ela apresenta um escultor-lavrador que criou um mundo à parte em sua chácara para aguardar o apocalipse. Após elencar o que captou do entrevistado, Adélia reforça as suas percepções com frases realmente pronunciadas por ele e inseridas entre aspas:

Gentil, nobre, extravagante, esquisito. Todos os sinônimos que a palavra bizarro possa conter cabem perfeitamente neste senhor que tateia a esmo pelas paredes de sua modesta moradia e que gentilmente ergue suas mãos em busca das minhas para a primeira saudação. Fazia um imenso frio, mas sua teimosia impedia que providenciasse um agasalho. O vento úmido varria os cabelos, por cortar, sem nenhum fio branco. Enobrecido pela barba – ela, sim, grisalha – desponta um par de olhos incrivelmente febris apesar da ausência de luz. Nascido lavrador, o porte de José revela altivez. Suas mãos são macias, esquecidas dos árduos tempos na colheita de café e dos 16 anos em que ajuntaram pedra, ferro, tijolo e cimento para dar vida às suas esculturas. Generoso ou altaneiro: “Não é obra do negócio”. Extravagante (?): “Minhas esculturas foram feitas para ficar na natureza”. Esquisito: “O mundo já teve 500 Josés de Freitas e a cada quatro mil anos faço essas esculturas para esperar a chegada do povo”.¹⁰

Com a criativa descrição da personalidade de José, mesclando características físicas e gestos, Adélia apresenta o homem de uma maneira sensível, mostrando suas semelhanças com tantas outras pessoas e evitando o adjetivo simplista que seria compreendido por muitos em uma descrição objetiva: louco, tendo em vista o seu afastamento da realidade – possível quadro de esquizofrenia que causou uma série de internações em instituições psiquiátricas – evidenciado no decorrer da matéria. A cada característica atribuída ao homem, ela escolhe uma expressão dele mesmo para justificar, mantendo o pé no material que a entrevista lhe proporciona.

⁹ Idem, *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003, p. 14.

¹⁰ LOPES, Adélia Maria. Um mundo bizarro longe deste insensato mundo. *Nicolau*, n. 2, p. 22, 1987.

A repórter também recorre à metáfora, uma figura de linguagem muito importante para o Jornalismo Literário. A cegueira é apresentada da seguinte maneira: “par de olhos incrivelmente febris apesar da ausência de luz”. A construção metafórica está bastante relacionada à imaginação e à criatividade. Edvaldo Pereira Lima afirma que quando o significante contempla um significado diferente do qual está frequentemente associado uma nova imagem se apresenta ao leitor. E o conteúdo imagético tem o poder de impactar as pessoas. Os olhos de José são marcantes, mesmo com a falta da percepção visual.

O ponto de vista escolhido pelo narrador é outro diferencial de textos de Jornalismo Literário. Conforme explica Lima:

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende.¹¹

Nos textos de Adélia Maria Lopes é possível constatar tanto as abordagens mais comuns – narrativa em primeira e em terceira pessoa – quanto o ponto de vista conhecido como onisciente intruso – quando o narrador acrescenta comentários. Até chegar a esta parte da reportagem, Adélia se posicionava como uma narradora onisciente neutra. Na etapa final do texto, entretanto, explicita o seu sentimento a respeito do entrevistado, tecendo também um comentário negativo a respeito da crítica de arte paranaense daquela época. Confira o parágrafo a seguir:

Não sou crítica de arte, nem tenho veleidades a respeito como certas damas da sociedade, mas que tremulariam os cílios postiços só de pensar (jamais!) em assinar uma crítica sobre a obra deste senhor chamado simplesmente José de Freitas Miranda. Um escultor que talhou mais de 30 figuras humanas no cimento. Que por falta de informação não soube, tecnicamente, como resolver as extremidades de suas esculturas; mas informação é poder – não anda à solta. Um escultor que ao cabo de seis meses tendo apenas o espelho à sua frente esculpiu sua própria imagem. Que encontrou na bolinha de gude o melhor material para expressar os olhos. Um escultor cuja sensibilidade fez aprimorá-lo na técnica com o passar dos anos; as rugas ao redor dos olhos das estátuas exemplificam com maestria. E que hoje desabafa sem qualquer lamento na voz. “Foi um sofrimento fazer tudo isso”.¹²

¹¹ LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, op. cit., p. 160.

¹² LOPES, Adélia Maria. *Um mundo bizarro longe deste insensato mundo*, op. cit., p. 14

A ficção se diferencia da não ficção, entre outros motivos, pela construção da personagem. É difícil fugir da opacidade da figura humana ao escrever um texto baseado apenas no que está aparente e naquilo que a pessoa observada proporciona por meio de seus relatos. Por outro lado, na ficção, por se basear em orações e não em realidades, o narrador consegue imprimir maior nitidez à personagem, levando-as a situações inesperadas. Todavia, a proposta do Jornalismo Literário tenta se inspirar nessa característica típica da ficção, através de recursos estilísticos que dirigem o olhar do leitor tanto para aspectos exteriores quanto íntimos da pessoa apresentada, ampliando a compreensão a respeito de quem é tomado como condutor da história. Por meio da imersão e, sobretudo, da humanização, o jornalista literário busca também reconstruir o mistério humano.

A paranoia religiosa de José dá o ritmo ao texto, sendo que ao estilo da Arca de Noé, por sua relevância para o abrigo da humanidade, a grande obra idealizada por suas visões era composta por esculturas, muralhas, torres, pórticos e outras peças, mas foi bruscamente interrompida em virtude da cegueira, causada, segundo o próprio entrevistado, “por um capuz colocado por um anjo que outro anjo se recusa a retirar”.

Mundo insensato, do ponto de vista de Adélia, por ignorar a existência de um homem inquieto em virtude de sua loucura. “Jornalistas estiveram naquelas terras. Cinegrafistas também. No entanto, nunca José foi revelado como artista. Suas obras apareciam somente como pano de fundo de um bizarro lavrador à espera do apocalipse.” Insensível mundo, que através do texto ela buscou expressar na contradição que já surge no título, revelando a distância da capital para com o interior: *Um mundo bizarro longe deste insensato mundo*.

REFLEXÕES PROFUNDAS EM DATAS COMEMORATIVAS

Na reportagem *Os negros dos Campos Gerais sem Zumbi nem Lei Áurea*, a repórter visita a Serra do Apan (Castro) e Sutil (Palmeira), nos Campos Gerais do Paraná, para conhecer as comunidades habitadas por descendentes de escravos. Entrevistando vários moradores, muitos idosos, ela traça uma linha para a reportagem buscando comparar a realidade da década de 1980 com o passado dos pais dos entrevistados, que obtiveram terras como herança e agiram como resistentes. A repórter constata que as condições materiais e de educação dos moradores dificulta melhorias na qualidade de vida, além do descaso do governo e de órgãos específicos da demarcação de terras, fazendo com que o espaço destinado às famílias se torne menor a cada ano.

A imersão é ponto crucial no texto. A presença marcada da repórter no ambiente que apresenta aos leitores é perceptível em vários momentos, como neste:

Entre morros íngremes, na Serra do Apan, após um distrito chamado Socavão, despontam os ranchos. Esta é a primeira visão: casas de pau forradas de capim, fincadas em terras cansadas. As janelas dos ranchos absorvem apenas réstias de luz que iluminam a pobreza.¹³

Para descrever a situação precária que encontrou, Adélia faz uso da figura de linguagem prosopopeia, atribuindo característica humana a algo inanimado, isto é, a terra que é *cansada*, trazendo a ideia de falta de produtividade da propriedade.

O uso da palavra *fincada* também dá a sensação de que há transitoriedade, isto é, a qualquer momento aquelas casas podem ser retiradas dali e levadas para outro lugar. Em sequência, o Sol proporciona visibilidade à pobreza – complementada a seguir pelos aspectos da morada: “chão de terra batida, tocos (escurecidos pela fumaça do fogão de barro à lenha) servindo de assento, poucas painéis de ferro na cozinha, forquilha originando camas e trapos como vestimentas”.

Posteriormente, a repórter retoma a terra, tema que costura a reportagem: “franzinas terras”, desta vez se referindo ao tamanho das glebas destinadas aos negros do Paraná àquela época, que não possibilitam grandes plantações e os reservam apenas a sobrevivência. Aos poucos, a jornalista vai desenrolando a justificativa de tal denominação, com base em relatos de moradores, mostrando que perseguições de imigrantes estrangeiros (como holandeses e alemães) seguidas da falta de amparo aos descendentes de escravos causaram a redução brusca do espaço destinado a eles.

A observação participante aparece com impacto na narração do trajeto até a comunidade de Palmeira, o segundo lugar que ela visita. Adélia relata o choque que a desigualdade de condições no contato com comunidades de descendência europeia provoca: “Atravessa-se cinematográficos trigais e depara-se com casas de estilo europeu, até encontrar-se o Sutil, o cenário é nitidamente próspero. O panorama fica pobre só então.”

A liberdade editorial pode ser verificada nesta reportagem no trecho em que Adélia fala a respeito da ornamentação do rancho do senhor Acróbio Rodrigues Prudente, de 91 anos, um dos seus entrevistados: “A única decoração está do lado de fora: um cartaz com o colorido retrato de Alvaro Dias, quando candidato a governador. Acróbio colocou o cartaz num saco plástico para protegê-lo da chuva ou da poeira.” Por ser um jornal vinculado à Secretaria de Estado da Cultura, o nome de Alvaro Dias também aparecia na página do Expediente do *Nicolau*. Na reportagem, entretanto, como abordava uma situação de descaso

¹³ Idem, Os negros dos Campos Gerais sem Zumbi nem Lei Áurea. *Nicolau*, n. 5, p. 11-13, 1987.

inclusive do governo com a realidade dos vilarejos, a repórter fez também uma crítica à administração. É como se a seguinte dualidade fosse apresentada: O senhor Acróbio se esforçou para proteger a imagem do candidato. O candidato eleito, entretanto, pouco fazia para proteger as comunidades marginalizadas.

A escritora/jornalista elenca símbolos de status da vida, um recurso bastante usado no movimento conhecido como Novo Jornalismo e que mantém relações com a Literatura, sobretudo com o Realismo Social. Os símbolos auxiliam o leitor a desvendar melhor a vida que está sendo apresentada. Isso se dá através de detalhes minuciosos do ambiente – já mostrados em outros momentos da matéria – e dos comportamentos das pessoas que aparecem na reportagem. Assim, o narrador procura possibilitar a maior quantidade possível de informações ao leitor para que ele consiga esboçar também uma imagem. De acordo com Tom Wolfe, o registro dos detalhes atrai o leitor. As minúcias, para ele, seriam:

Gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia a dia.¹⁴

Confira essa parte, a respeito dos hábitos do senhor Acróbio Rodrigues Prudente:

Era um sábado, dia bom para conversar com ele. Porque aos sábados há mais tempo para prosear, já que trabalha somente até o meio-dia na sua lavourinha de milho crioulo. Nos dias úteis, seus 91 anos envergam-se na enxada de sol a sol. Com a mulher, cria galinha e porco: o sustento da casa. O rancho, por dentro, é igual aos da região, apenas é mais espaçoso. As únicas peças dos quartos são as enxergas. A sala tem um “toco meio feio”, diz ele, para se sentar. E as paredes lembram balcão de fazendas: os utensílios da lide diária na lavoura estão ali. A última reforma do rancho aconteceu há 12 anos, quando houve a necessidade de trocar a cobertura de capim ou capim de porca: “- A gente fala capim de porca porque ela gosta de fazer o ninho nas capoeiras. E a gente também faz o nosso ninho com esse capim, que é o melhor que tem”.

Nesta matéria chama a atenção a ideia de entrevista jornalística como diálogo e não como roteiro fechado de perguntas e respostas. Em um trecho, Adélia conta que as visitas providenciaram um cigarro mentolado para o senhor Acróbio, mostrando que houve uma conversa amigável antes de se chegar ao ponto que levava a repórter até a casa dele. Foi necessário conquistar a confiança do

¹⁴ WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 55.

entrevistado, o que a própria jornalista evidencia quando insere no texto a seguinte informação: “Depois, já mais à vontade com os estranhos”. Obter informações leva tempo, o que o Jornalismo convencional raramente tem, em virtude de sua dinâmica de produção de matérias que serão publicadas no outro dia.

Para Cremilda Medina, a entrevista jamais será uma facilitadora da comunicação humana se for considerada uma fria técnica dirigida por questionário, o que acontece com frequência nos dias de hoje em virtude do uso de e-mail e redes sociais para a obtenção dos dados. “A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações”¹⁵. Sendo assim, a distância segura entre entrevistador e entrevistado dificilmente promoverá um diálogo possível, mas sim uma indução a determinados rumos que nem sempre respeitam o que pensa a pessoa que fala. Medina nos lembra: “Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade.”

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NOS SUBÚRBIOS DA CIDADE

Para produzir a reportagem *Curitiba, um negócio da China*, Adélia Maria Lopes passou a participar do curso de Mandarim que foi iniciado em Curitiba com a finalidade de mergulhar na cultura chinesa e conhecer figuras até então desconhecidas, além de conversar com pessoas interessadas em aprender mais a respeito dos asiáticos. A matéria¹⁶ se forma com relatos sobre as aulas da língua estrangeira e entrevistas com imigrantes chineses, que buscavam no Brasil o trabalho e a educação após saírem de seu país de origem por motivos políticos.

Para Norman Sims¹⁷, uma obra pode ser considerada expressão do JL quando tem pelo menos dois desses elementos em destaque: é escrita com precisão; apresenta aspectos simbólicos que ressoam com o leitor ou com a cultura na qual foi produzida; revela uma voz autoral; possui estruturas profundas por trás da intenção do autor, isto é, trata-se de uma forma de expressão pessoal e de conexão para quem escreve. Consideramos que o texto contempla estas quatro características ressaltadas pelo pesquisador.

Além de ser agradável de ler, com ritmo e vozes até então nunca ouvidas, a autora amarra o tema e o seu pano de fundo a todo momento, como quando ressalta o significado histórico de uma sala cheia de pessoas – louras e morenas – interessa-

¹⁵ MEDINA, Cremilda. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 6-31.

¹⁶ A reportagem é completada por um breve texto assinado pelo poeta Paulo Leminski, que tinha muito interesse na cultura oriental e era participante assíduo das edições do *Nicolau*.

¹⁷ SIMS, Norman. *The Personal and the Historical: Literary Journalism and Literary History. The Non FictioNow Conference*, University of Iowa, Iowa City, nov. 2010.

das em aprender Mandarim. É como se realmente aquele acontecimento, aos olhos de alguns sem grande importância, fosse um gesto que pudesse derrubar barreiras simbólicas. Tais “estruturas profundas” da reportagem, como diz Sims, podem ser verificadas, por exemplo, no desfecho da reportagem:

Quando o lourinho Jorge Brand, de 8 anos, foi indagado porque estava aprendendo chinês, respondeu com sinceridade e justa medida próprias da infância: “Porque deu vontade”. Portanto, é possível sonhar com gerações com vontade de olhar seu semelhante sem considera-lo exótico. E há semelhantes nos perguntando, amavelmente, em milenar mandarim: “- Nihaoma? (Como vai você?)”.¹⁸

Segundo Lima, a intrínseca relação do Jornalismo Literário com outras áreas do conhecimento, desde o seu nascimento, fez com que o uso da observação participante se tornasse um hábito comum, como fica bem perceptível na obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, por exemplo. Conforme o pesquisador, no final do século 19 houve uma intensa troca de conhecimentos entre Sociologia e Jornalismo, sobretudo na Escola de Chicago – sendo que, entre outros fatos, jornalistas participavam da observação de pessoas e grupos e sociólogos escreviam para jornais. Há também a inspiração advinda do Realismo, quando a Literatura se aproximou da Sociologia e na vertente filosófica do Positivismo. Por conta da abordagem pela complexidade, no ponto de vista de Lima, não é possível abordar um assunto relativo à sociedade do mesmo modo pelo qual se vislumbra uma máquina. Isso quer dizer que:

Cada situação exige do observador – está implícito neste artigo que a tarefa do Jornalismo Literário reside em descrever a realidade da maneira a mais ampla, integrada e dinâmica possível – uma resposta intrinsecamente adequada ao que constata no sistema natural que observa, e não a reprodução de um modelo rígido, genericamente aplicado a qualquer coisa, seja a descrição de uma operação de trem no metrô de São Paulo, seja a relação entre as tempestades solares e a navegação aérea baseada em satélites no planeta Terra.¹⁹

A presença da jornalista na sala de aula como aluna-observadora-participante é evidenciada nesta parte do texto:

A professora Chen Hui Li está ao quadro-negro rodeada de atentos 25 alunos. Crianças e adolescentes fazem a maioria. Há apenas um aluno com idade acima da média, o poeta e jornalista Jaques Brand. Por sinal, o mais jovem

¹⁸ LOPES, Adélia Maria. Curitiba, um negócio da China. *Nicolau*, n. 10, p. 15-18, 1988.

¹⁹ LIMA, Edvaldo Pereira. *Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. Inov-com*, v. 5, 2013, p. 68-78.

do grupo é o seu filho, Jorge, de 8 anos. Naquela sala, uma mistura sem igual de etnias. Olhos azuis e olhos castanhos se encontram numa indagação: Nihaoma? Estamos aprendendo Mandarim. Louros e morenos. A cidade acolheu o primeiro gesto cultural dos chineses [...].

Adélia tentou reproduzir ideogramas, soube que não há conjugação de verbos na língua chinesa, teve dificuldades com a tonalidade da fala, visitou a casa de algumas famílias, fez perguntas e realizou inferências. Todavia, se manteve próxima aos dados que coletou, pois, apesar da permitida subjetividade de uma jornalista literária, ela não pode extrapolar o que a realidade lhe proporciona. Bem por isso: “Para compreender algo ou alguém, o jornalista terá de investigar, de entrevistar, de conviver no mesmo meio que os protagonistas da sua reportagem, do seu artigo ou do seu estudo.”²⁰

ENSAIO PESSOAL A RESPEITO DE UM SENTIMENTO COMUM

Em visita a Ibiporã, município do Norte paranaense, a repórter faz uma entrevista com o artista plástico de arte sacra Henrique de Aragão. O foco do texto é refletir, através do trabalho do entrevistado, a respeito do mito e da esperança em nossa sociedade. Por isso, as questões versam sobre tais temas. Estruturado como um ensaio pessoal, tipo de texto dentro do Jornalismo Literário em que, segundo verbete elaborado por Edvaldo Pereira Lima, o autor mistura narrativa e reflexão dissertativa de tom pessoal, não acadêmica, a reportagem *A estética do mito e da esperança* também possui características de perfil jornalístico – relato centrado na vida de uma pessoa. “Nos melhores casos, intuitiva ou conscientemente, os bons autores de perfis fazem uma leitura dos personagens que revelam características psicológicas e comportamentais importantes, além dos aspectos mais concretos do que fazem e como vivem.”²¹

Um dos pontos de ruptura do Jornalismo Literário, de acordo com Borges, é o papel do autor na narrativa noticiosa. Em vez de ser isento e neutro, o repórter está no centro das atenções, como efetivo participante das cenas. O que narra não é apenas ouvindo, mas também tem o direito de intervir. “No Jornalismo Literário, quando o repórter começa a contar como se deu determinada ocorrência, em deslindar acontecimento, ele assume o papel de agente principal da enunciação.”²² A tentativa de elucidar a ideia da jornalista para a reportagem começa já no primeiro parágrafo: Adélia encontra no trajeto rumo ao local onde marcou com o entrevistado uma pe-

²⁰ FARIA, Nídia Sofia. *Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características*. Comunicação Pública, Especial 01E, 2011, 29-44.

²¹ LIMA, Edvaldo Pereira Lima. *Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima*. s/d.

²² BORGES, Rogério. *Jornalismo Literário: análise do discurso*. Série Jornalismo a Rigor. v. 7. Florianópolis: Insular, 2013, p. 247.

regrinação em que os fiéis carregavam justamente a imagem de Nossa Senhora da Esperança. “Nossos caminhos [o da repórter com o da santa] se cruzam por pura coincidência, mas há uma coincidência implícita: a esperança de resgatar a própria esperança”²³. Nesta frase fica clara a indagação de certa forma filosófica da repórter diante do assunto, o que é aprofundado em outras partes da matéria.

O posicionamento muito marcado da narradora através da escolha da primeira pessoa do singular evidencia a abordagem ensaística e também opinativa da produção. Em um momento fica bastante nítida a intenção de responder a algumas dúvidas que lhe intrigavam como ser humano:

Quase todas as igrejas do norte do Paraná têm as marcas deste artista. Fiéis ajoelham-se e rezam diante de suas imagens, esculpidas ou pintadas. Sempre me intrigou o sentimento que um artista pode ter diante dessa reação de fé popular perante uma imagem. “Particularmente não sinto nenhuma emoção”, decepciona-me com a resposta. “Toda obra de arte fica independente do criador, tem uma vida individual”. Como acréscimo às suas considerações, uma reafirmação de fé e coerência: “O fato de esculpir um Cristo só determina meu testemunho de amor por Ele”.

A escolha do verbo *dicendi* “decepciona-me” é impactante, afinal, os verbos declarativos mais usados no Jornalismo são aqueles que passam a ideia de neutralidade e objetividade, como por exemplo: dizer, falar, afirmar, ressaltar, opinar. Neste caso, ao contrário, a resposta decepcionou a repórter, o que evidencia o seu papel de coprotagonista da história, com direito explícito de não se contentar e/ou se intrigar com alguma consideração do personagem e ainda assim incluir tal relato no texto, pois acalenta justamente a proposta de contrapor ideias e causar a reflexão a respeito do tema em destaque. Tal característica reforça a característica de ensaio pessoal em *A estética do mito e da esperança*.

A pesquisadora Monica Martinez, ao explicar as características marcantes do Jornalismo Literário defendidas por Mark Kramer, um *expert* no assunto, ressalta a importância da criação de sentidos – possibilitada principalmente pelo emprego de símbolos e metáforas. “A história precisa ter um fio condutor e ressoar na experiência pessoal do leitor, que tem de sentir a catarse de chegar a algum lugar depois de ter aceitado acompanhar o protagonista da história por várias cenas, ordenadas de forma a revelar gradativamente a situação.”²⁴

²³ LOPES, Adélia Maria. A estética do mito e da esperança. *Nicolau*, n. 11, p. 10-11, 1988.

²⁴ MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, ano VI, n. 1, p. 71-83, 2009.

No texto de Adélia, ela vai pouco a pouco desvendando o histórico do entrevistado e realizando associações entre pensamentos de Henrique e questões filosóficas que ele responde a partir de sua experiência e com base em seu conhecimento da arte e da religião. Para organizar a narrativa, ela divide a matéria em três subtítulos: *A aventura da possibilidade do Divino*; *A aventura da Divindade no cotidiano* e, por fim, *A aventura do Ícaro resgatado*. Ela mesma insere reflexões a respeito do tema da reportagem e dos questionamentos que acaba direcionando à fonte:

Uma reportagem tão insólita como esta, sobre a esperança, faz-me arriscar: a própria esperança não seria um mito da nossa civilização? Nenhuma reação de ironia à pergunta. O artista apenas confessa que está falando sobre coisas tão interiores que se considera desvestido dessas coisas. E responde: “Eu sinto muito mais a essência dessa esperança, seja ela mito ou não. Criada ou não por nós. O que importa é que é ela que nos mantém nessa busca. É possível revestir a esperança de mito, mas creio que é possível despir os mitos e viver a esperança”. Como se faz? “Acho que é um problema da graça”.

Em uma conversa profunda e delicada, Adélia parece se confessar com o entrevistado, que no decorrer do texto ganha um ar superior devido à harmonia entre a sua sabedoria e a sua simplicidade. Ela insere algumas dúvidas e posicionamentos íntimos e, em seguida, os confronta com frases ditas por Henrique, que sempre tendem ir à contramão do que ela vislumbra. Uma espécie de entrevista *ping-pong* que segue até o fim da reportagem sem de fato responder à pergunta que move a pauta. Enquanto a repórter é cética, o personagem é esperançoso. No fim do texto, ela fala para ele que o país está desesperançado, no que o homem rebate: quanto maior o caos, maior a esperança. “Existem certas situações de limite em que ou a gente ultrapassa ou a gente morre. O processo de crescimento da humanidade, como espécie, é isso”, finaliza Henrique.

Quase trinta anos após este intenso diálogo, novamente nos vemos desesperançados, motivo pelo qual a matéria continua atual. Como afirma Lima, o JL é de fato muito focado em pessoas. “A primeira pessoa de todas é o próprio autor, que precisa mergulhar na realidade com alma, fé, força, lucidez, emoção e inteligência. Precisa vencer a barreira de si mesmo, entender a mão, o olhar, o coração e a mente para o outro.”²⁵

A ESCOLHA DE UM ÂNGULO ENTRE TANTOS POSSÍVEIS

Em *Uma real ciudad espanhola no Paraná*, Adélia Maria Lopes e o fotógrafo Haraton Maravalhas viajam ao Centro-Oeste do Paraná, junto com um

²⁵ LIMA, Edvaldo Pereira. Existem em todas... In: VILAS BOAS, Sergio (Org.). *Jornalistas Literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Summus, 2007, p. 11.

grupo de pesquisadores, para acompanhar uma incursão de campo em uma área protegida de 12 mil metros quadrados no município de Nova Cantu. Por meio de trabalho arqueológico, os investigadores procuram vestígios da existência da Vila Rica do Espírito Santo naquele local, que foi formada por espanhóis e índios antes da interrupção abrupta do Tratado de Tordesilhas, que configurou o território brasileiro como ele é hoje. Durante a visita ao sítio arqueológico, ela entrevista os pesquisadores e também colhe detalhes sobre impressões de pessoas da localidade e da paisagem.

Percebemos algumas características do tipo de reportagem conhecida como narrativa de viagem no texto escrito por Adélia Maria Lopes. De acordo com definição de Lima, o autor realiza, no momento de escrever sobre uma viagem, um passeio sensorial pelas experiências que viveu. Vez ou outra o jornalista aparece como personagem. É o que fica claro neste parágrafo, em que ela afirma que a água é boa e conta sobre o sabor da laranja experimentada no sítio arqueológico:

Almir Pontes Filho nos conduz por aquelas “ruas” cobertas pela mata. Os monturos dão a idéia da existência de uma casa aqui, outra ali. Um dos caminhos leva, certinho, a uma nascente. A água é gostosa. Sobre o pequenino lago que se forma pendem laranjeiras centenárias. O gosto da laranja tem sabor silvestre. Em 1865, os engenheiros José e Francisco Keller descreveram (o documento original encontra-se na Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional) um pomar localizado nas ruínas de povoados espanhóis ali, naquela região. No pomar os irmãos avistaram “arvoredo baixo de laranjas azedas”. Que mãos plantaram aquelas laranjeiras que ainda dão frutos?²⁶

Prestando atenção aos diálogos dos pesquisadores durante o trabalho em uma trincheira, Adélia capta uma conversa com o pé na poesia. Em referência a Carlos Drummond de Andrade, o chefe da Coordenadoria do Patrimônio Natural, Henrique Schmidlin, avisa: “Há uma pedra no meio do caminho”. Tal inclusão no texto mostra a realização de associação por parte da autora, que é considerada uma capacidade intrínseca à criatividade no texto jornalístico literário. Em seguida, ela realmente vincula a conversa dos entrevistados com a paisagem à sua volta. “A poesia é compatível àquela paisagem úmida”. Confira:

“Há uma pedra no meio do caminho”, observa Schmidlin, mais conhecido por Vitamina por causa da sua disposição quando está na natureza. “Olhe com cuidado”, responde o professor Blasi ao mesmo tempo em que completa o poema, ali, em meio a araucárias que teimam dar lugar aos milharais. A poe-

²⁶ LOPES, Adélia Maria. Uma realciudad espanhola. *Nicolau*, n. 26, p. 20, 1989.

sia é compatível àquela paisagem úmida, mesmo quando o silêncio se quebra com a serrafita zunindo no lenho de árvores centenárias, que caem, com estrondo, na mata que está se esvaziando.

Ainda no parágrafo acima, Adélia faz uma reflexão a respeito do crescimento vertiginoso da agropecuária no Estado, que já àquela época preocupava em virtude do desmatamento de florestas e também no que se refere à falta de preservação dos vestígios históricos. Ela usa o exemplo do próprio local de análise em Nova Cantu, localizado dentro da propriedade de um fazendeiro e que deveria ser bem maior, tendo várias partes danificadas pelo uso de tratores e outros equipamentos agrícolas. “Este sítio arqueológico estava intacto até dois anos atrás. Tanto ele quanto os demais remanescentes de antigas culturas têm sido vítimas do intenso desenvolvimento agropecuário que o Paraná vem experimentando desde a década de 40”.

A Nova História chama a atenção para a dúvida que também deve permear o relato historiográfico nesse sentido (Burke, 1992). Saliente-se que os historiadores trabalham com fontes autorizadas, documentos impressos, registros audiovisuais, achados arqueológicos e nem por isso estão isentos da parcialidade, da interpretação enviesada, das muitas “verdades” sobre um mesmo tema ou episódio.²⁷

No fragmento acima, Borges nos lembra a necessidade de desconfiar de todo documento – seja ele a reportagem de Adélia ou o relatório dos achados arqueológicos do pessoal que circulava por Nova Cantu na década de 1980. Afinal, qualquer construção social é permeada por subjetividades. O que o Jornalismo Literário tenta fazer é deixar evidente para o leitor que aquilo que está apresentando é um olhar possível entre tantas miradas que o mesmo tema poderia receber. Para Borges: “é importante que tudo seja relativizado em alguma medida, o que lhe dá mais liberdade na narração, liberto de presilhas impostas por algo que já não é tão intocável assim.”²⁸

LEITURA CULTURAL QUALIFICADA

Após apresentarmos as análises de cinco reportagens escritas por Adélia Maria Lopes para o *Nicolau*, acreditamos que as produções apresentam elementos marcantes do Jornalismo Literário, como fomos apontando no decorrer do artigo. Em nosso ponto de vista, a linguagem diferenciada em conjunto com uma postura problematizadora do narrador faz com que as reportagens permaneçam perti-

²⁷ BORGES, Rogério. *Jornalismo Literário*, op.cit., p. 244-245.

²⁸ *Ibidem*.

nentes até os dias de hoje, mais de duas décadas depois de terem sido publicadas. Além disso, pensamos que o trabalho desenvolvido pela repórter e também pelo restante da equipe do jornal cumpre satisfatoriamente papéis importantes do jornalista, que deve ser, ao mesmo tempo, mediador social e leitor cultural.

De acordo com Cremilda Medina, existem alguns fatores – que para nós são encontrados na base do Jornalismo Literário, embora a autora não use esta nomenclatura – que podem fazer com que a mediação social realizada pelo repórter seja mais completa e enriquecedora. Para a pesquisadora, é fundamental que o jornalista realize uma leitura cultural da literatura, que acrescida da experiência da rua e do cotidiano que a profissão proporciona, promove o desenvolvimento de determinadas competências, as quais impulsionam a inteligência natural.

O ato jornalístico exige um olhar sutil e indiscreto do leitor cultural; uma visão complexa apta a recolher a polifonia e a polissemia do contexto sócio-cultural; e a relação dinâmica entre o eu e o outro. No ato analítico, decifrador, são fundamentais o amplo repertório mítico, aptidões transculturais e osmotípicas, bem como a clareza que elucide caminhos de ruptura. Ao desembocar no ato expressivo, mobilizam-se a competência de narrador; fluência e regência de vozes; precisão; coerência e polissemia sintética da palavra-revelação.²⁹

Ainda segundo Medina, o jornalista, entre outros profissionais, é um leitor cultural. Isso quer dizer que o modo como o repórter enxerga e desvenda o que está ao seu redor, quando parte para coletar as informações para uma reportagem, por exemplo, poderá ou não conter “as digitais de uma sociedade”. Isso dependerá da sensibilidade de quem olha. A obra final terá marcas autorais, na opinião da pesquisadora, se conseguir “criar nexos dos sentidos da realidade pela razão complexa”. Quando alcança um estilo próprio, o produtor de conteúdo conseguirá criar algo inédito, sendo reconhecido pelo modo inovador de empregar a linguagem e a imaginação, em oposição às fórmulas limitantes. Para ela:

Sensibilidade solidária ao presente, inteligência sutil na decifração do acontecimento e criatividade literário (lato senso) resultam numa ação renovadora no domínio das mentalidades. Afinal, todo o agente cultural, o jornalista, por exemplo, ambiciona intervir na realidade. Em outras palavras, contribuir para o aperfeiçoamento das instituições e da cidadania.³⁰

²⁹ MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Ed. ULBRA, 1996, p. 33.

³⁰ Idem (Org.), *Povo e personagem: sociedade, cultura e mito no romance latino-americano*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

Consideramos que as reflexões de Medina têm sintonia fina com o que acreditamos ser Jornalismo Literário e com o que encontramos nas reportagens divulgadas pelo jornal cultural *Nicolau*. Por meio de uma leitura cultural bem realizada, o jornalista pode partir da palavra burocrática (lide³¹, objetividade, relato) à palavra relevadora (descrição profunda, figuras de linguagem, retrato cultural). A mediação social que não reduz é construída por meio de conteúdos complexos e não simplificadores.

De acordo com Medina, então, o mediador social realiza um tipo de produção que pode ser considerada Jornalismo de Autor – que consiste em operar algumas metamorfoses na figura do jornalista: o apressado registrador do real passa a ser um especulador das camadas profundas da atualidade; o burocrata da redação se transforma em pesquisador; o office-boy de informação alça voos no cargo de revelador de acontecimentos novos. Sendo assim, acreditamos que as reportagens abordadas neste artigo fizeram uma qualificada mediação cultural. Com diferenciados meios de captação da realidade, recursos narrativos e de edição, interação com a realidade e voz autoral, pensamos que a modalidade Jornalismo Literário foi colocada em prática ainda antes do desenvolvimento da Internet, num modo artesanal de se fazer Jornalismo que apresentou diferentes retalhos dessa colcha chamada Paraná.

Finalmente, consideramos que as aproximações entre Jornalismo e Literatura possibilitadas pela modalidade textual conhecida, entre outros nomes, como Jornalismo Literário, são positivas e promovem produções que tendem a permanecer pertinentes mesmo quando observadas quase três décadas após serem lançadas, como é o caso do nosso *corpus*. No jornal *Nicolau*, que é o foco deste trabalho, através das reportagens assinadas por Adélia Maria Lopes, temos acesso à literatura da realidade, isto é, a histórias reais encontradas no cotidiano paranaense que são contadas com voz autoral, humanização, descrições de cenas e, sobretudo, imersão. Em nosso ponto de vista, tais características elencadas nos textos colaboraram para que o meio de comunicação desenvolvesse uma afinada leitura cultural do Estado e do país no final da década de 1980 e início dos anos 1990, um período de efervescência de ideias em virtude do contexto de abertura política e consolidação da democracia.

³¹ Do inglês, *lead*, pode ser traduzido como “primeiro” ou “guia”. Significa o início do texto jornalístico, que responde as perguntas: “quem, quando, onde, como, por quê?”.

Recebido em 20 de setembro de 2016

Aceito em 16 de dezembro de 2016